

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

**A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR ACERCA DA
DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE**

GOIÂNIA

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

RENATHA ROQUE SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR ACERCA DA
DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Dr. Rodrigo Fideles Fernandes Mohn

GOIÂNIA

2021

RENATHA ROQUE SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR ACERCA DA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Dr. Rodrigo Fideles Fernandes Mohn

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Professor Convidado: Dr. Renato Barros de Almeida

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Goiânia, ??? de dezembro de 2021.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus professores por contribuírem na minha trajetória acadêmica. E, a todos docentes que se sentirem interessados em obter um maior conhecimento a respeito da temática. Dedico á todos aqueles jovens e/ou adultos que já sofreram algum tipo de preconceito e não foram aceitos nas esferas da sociedade. E, a todos que contribuíram de alguma forma em minha formação. Á todos o meu muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, por ter me ajudado a alcançar todos meus objetivos durante este período acadêmico, por me mostrar as saídas durante as adversidades apresentadas e me ensinar a comemorar cada conquista, por menor que ela seja. A Nossa senhora da Aparecida por sempre me acalantar em seu manto;

A minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Em especial minha avó que torce por mim em todos os dias de sua vida, sem você, seria tudo mais difícil e ao meu avô (in memoriam) apesar de não estar presente em carne, suas lembranças me ajudam a conquistar meus sonhos, sua criação foi e é essencial para quem estou me tornando;

Ao meu namorado Thiago por jamais me negar apoio, carinho e incentivo ao longo da minha caminhada acadêmica.

Aos amigos de todos os âmbitos da minha vida que estiveram ao meu lado, pela amizade e apoio ao longo de todo o período acadêmico. Em especial as minhas amigas de curso por contribuírem em minha formação: Anna Karolyna, Adrielly Pollyana, Amanda Ferreira e Marcela Ayres;

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória desde os anos iniciais até a minha formação na universidade. Um agradecimento especial ao meu orientador Rodrigo Fideles, por sua orientação, conhecimento, dedicação e paciência;

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração, por terem me oportunizado conhecimentos para meu crescimento como discente;

E a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho e conclusão deste grande sonho.

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: GÊNERO E EDUCAÇÃO	13
Historicidade sobre gênero	13
Por que é necessário o estudo de gênero na Educação?	15
CAPÍTULO 2: SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO	18
Históricidade da Sexualidade	18
Por que é necessário falar sobre Sexualidade na Educação?	20
Por qual motivo não é discutido nas instituições escolares?	22
Como a sexualidade deve ser trabalhada na escola?	24
CAPÍTULO 3: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E O PAPEL DO DOCENTE NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.	27
Pesquisa elaborada com docentes atuantes em instituições escolares	27
Desafios da ação docente na discussão de gênero e sexualidade	30
Qual a contribuição da escola no questionamento de questões de gênero e sexualidade na perspectiva dos docentes?.....	34
Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

RESUMO

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR ACERCA DA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Renatha Roque Silva

RESUMO:

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema “A contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade.” Partindo dessa perspectiva, o vigente conteúdo tem como objetivo geral dialogar sobre a contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade. E adere como objetivos específicos: a) Identificar o estudo sobre gênero e sexualidade na educação; b) Investigar o papel do professor (a) na educação sobre gênero e sexualidade; e c) Analisar a contribuição da escola acerca da discussão sobre gênero e sexualidade. A questão levantada acerca dessa temática se faz por meio do seguinte problema “Qual é a contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade?”. Com base nessa indagação salientamos a necessidade do debate a respeito do tema proposto para ampliação do papel social do pedagogo e da escola em demandas sociais. A metodologia composta neste trabalho se faz por meio de pesquisas bibliográficas, fundamentadas em referências teóricas que contribuem para uma melhor análise e investigação da temática ao longo de todo percurso estudado. Após a análise de toda a proposta é possível identificar a importância da discussão sobre gênero e sexualidade na educação e a contribuição social que o professor tem ao falar sobre o assunto. É uma temática pouco discutida, mas que pode melhorar o convívio da sociedade levando em consideração que possa se trazer a diminuição de preconceitos e discriminações nas instituições escolares.

Palavras-chave: Educação. Escola. Gênero. Professores. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico aponta a relevância da discussão sobre a contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade. É comprovado que os estudos de certas conceituações possuem uma maior abertura quando é dialogada com intervenções que são diretas ou indiretamente expostas na educação. A contribuição da escola e do professor para debates a respeito de questões sociais são extremamente pertinentes ainda mais por se tratar de uma temática tão pouco aprofundada.

Ao abordar sobre sexualidade e gênero na sociedade se causa um certo espanto, apesar das muitas conquistas que obtivemos ao longo dos anos ainda é um tema que carece de pesquisas aprofundadas, pois a nossa comunidade ainda é bastante conservadora e acredita na homogeneidade. Ao tentar debater sobre esse assunto na escola com os alunos fica até mais questionável, porque acreditam que não é preciso tratar desses temas nas instituições escolares. E, pelo contrário como futuros professores viveremos com a diversidade sexual cotidianamente e é necessário saber lidar com as situações adversas relacionadas à esta discussão.

Neste contexto, torna-se importante realizar ponderações acerca de qual é a contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade. Assim como Sales (2017) nos aponta em sua afirmação: “[...] você pode ser o que quiser, mas para viver numa sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas - seus filhos, amigos e parentes, inclusive – precisa se posicionar contra toda e qualquer tipo de preconceito. Não dá para ficar apático.” E, aqui está a base que nos norteia ao longo dos debates, para sermos educadores não podemos ser indiferentes a questões sociais que são postas em jogo ao longo da nossa docência e que estão empregadas nas instituições escolares.

É nesse cenário que a educação se vê com um dever social para tratar sobre essa temática, pois ao levarmos para o campo da instituição escolar, e essa escola ao invés de explorar a autonomia dos seres faz ao contrário e começa a repreender, padronizar, coagir seus alunos, ela estará contrariando o que entendemos sobre educação. Por isso, o papel do professor é tão importante, ele trata diretamente com a diversidade das pessoas e é preciso ser muito desconstruído para não trazer os preconceitos culturais para dentro de um local que deve amparar

e ajudar na constituição da identidade. Esses seres serão muito julgados em âmbitos imagineis de sua vida e tanto a escola quanto os professores devem estar preparados para lidarem com questões sobre binarismo, diversidade sexual, entre outras adversidades que ainda são motivos de represálias.

Posto isso usufruímos de objetivos que salientam o propósito do estudo realizado. Ao longo de toda a monografia tentaremos dialogar, identificar, investigar e analisar circunstâncias cruciais que nos auxiliarão para um melhor entendimento sobre gênero e sexualidade em contribuição com a educação. Nosso objetivo geral é dialogar sobre a contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade. Os objetivos específicos se dividem em: Identificar o estudo sobre gênero e sexualidade na educação. Investigar o papel do professor (a) na educação sobre gênero e sexualidade e analisar a contribuição da escola acerca da discussão sobre gênero e sexualidade.

Um dos motivos que nos movem a colocar os objetivos acima é para que consigamos estudar mais a fundo essa abordagem nos mostrando que é possível termos uma sociedade mais justa e democrata. E que os professores por estarem em um ponto crucial do conhecimento conseguem abordar de uma forma mais humana e democrática. Temos que ter claro em nossa formação que para sermos professores precisamos estar cientes, sermos conhecedores e estudiosos de questões advindas da sociedade em que nosso aluno estará inserido. O principal de tudo é não sermos preconceituosos. O mínimo que um professor precisa para fazer valer o real sentido da escola, dos estudos, do espaço escolar é agir com maior acolhimento com as inúmeras indagações do corpo social.

Compreender essas diferenças e a nossa função nesse contexto social nos faz querer lutar pelo diferente, faz com que compreendemos a diversidade e a aceitemos de uma forma natural. Admito que é um assunto que deve ser posto em discussão por todos, para melhorar todas as esferas da sociedade. Devemos sentir motivados pela desconstrução de pensamentos antagônicos e de verdades absolutas padronizadas ao longo dos anos. Em especial na formação dos professores, é necessário ampliar o repertório para extinguir os preconceitos. Por essa razão essa temática é tão importante, o normal não existe, só existe o diferente e isso não é discutido, pois a sociedade nos pressiona a ter um conceito de normal a ser seguido. Já nos afirma Louro (2013):

Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora [...] é impossível continuar ignorando-os. [...] as formas como

apresentamos a nós próprios e aos outros – são sempre formas inventadas e marcadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos (p.52).

Este trabalho monográfico pretende elucidar as diversas e conflitantes formas de nos constituirmos homens e mulheres. Para que aconteça o debate acerca de gênero e sexualidade nas instituições escolares é preciso da parceria da escola e da coparticipação dos professores. Apesar de estar explícito no trabalho a forma como achamos que deva ser exposta e o porquê discutir esse tema na escola, ainda temos pessoas em nosso convívio que acreditam que dissertar sobre esse tópico é desrespeitar os conservadores¹ e impor que crianças sejam da comunidade LGBTQI+. E, o que queremos provar com esse estudo é que é completamente fora desse pensamento absurdo. Nosso interesse é trazer para a escola e para os professores uma melhor convivência com os alunos diferentes que adentrem a instituição, tenho certeza que se eles forem melhor acolhidos, entendidos e respeitados no ambiente escolar teremos um melhor desenvolvimento de ambas as partes. A luta de todos deve ser por uma sociedade mais justa, por uma escola que se importa com seus estudantes, por professores que amparem e sejam amparados, e não tenham medo em expor assuntos “proibidos” para uma melhor vida tanto fora e dentro da sala de aula.

No sentido de destacar os conhecimentos acerca da temática sobre gênero e sexualidade na educação tivemos por finalidade metodológica a pesquisa bibliográfica como: textos acadêmicos, artigos científicos e a leitura de livros de algumas autoras que contribuem para a discussão acerca de gênero, sexualidade, educação e das contribuições pelos docentes no debate dessa temática. Foi aplicado um questionário simples com perguntas abertas e fechadas para um melhor conhecimento da percepção de docentes mediante ao tema.

Quanto à natureza apresentada nesse projeto é salientado a pesquisa aplicada. Córdova (2009) afirma que essa pesquisa “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Quanto seus objetivos são desenvolvidos por meio da pesquisa exploratória. Gil (2007) identifica que “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Quanto a abordagem do projeto é desenvolvida

¹ Aquele que se opõe às mudanças, não aceitando inovações morais, sociais, políticas, religiosas, comportamentais; Quem é muito apegado às tradições; tradicionalista. CONSERVADOR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conservador/> Acesso em: 13/12/2021.

por meio da pesquisa qualitativa. Para Minayo (2001),

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Esta monografia pretende aprofundar no tema exposto, sendo utilizado autoras que contribuem para melhor compreensão do tema proposto. O suporte dos capítulos escritos está sendo mediados por: Meyer (2013), Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu (2018), Meyer (2008), Felipe (2008), Louro (2016), Goellner (2013), Jakimiu (2011) e etc.

Dessa forma, a presente monografia encontra-se estruturada em três capítulos:

O primeiro capítulo denominado “Gênero e educação”. Possui dois subtítulos são eles: Historicidade sobre gênero e porque é necessário o estudo de gênero na educação. Compreendendo o breve percurso histórico sobre gênero conseguimos constituir sua especificidade nos estudos pela educação. Baseamos a escrita desse capítulo em diversos autores que contribuem para uma melhor compreensão.

O segundo capítulo “Sexualidade e educação”. Dispõe de quatro subtítulos são eles: Historicidade da sexualidade, porque é necessário falar sobre sexualidade na educação, por qual motivo não é discutido nas instituições escolares e como a sexualidade deve ser trabalhada na escola. O objetivo do capítulo é informar e realizar um novo percurso sobre a sexualidade em um contexto mais amplo do que se é escutado. Procurando facilitar a compreensão e pretensão do estudo perante a esse tema.

No terceiro capítulo “A contribuição da escola e o papel do docente na discussão sobre gênero e sexualidade”. Conta com quatro subtítulos são eles: Pesquisa elaborada com docentes atuantes em instituições escolares, desafios da ação docente na discussão de gênero e sexualidade, qual a contribuição da escola no questionamento de questões de gênero e sexualidade na perspectiva dos docentes, gênero sexualidade e políticas públicas de educação. Neste capítulo é pretendido expor as questões mais aprofundadas na escola quando se trata dessa discussão.

Neste sentido, pretendemos que este trabalho, possa trazer benefícios para os docentes e as instituições escolares que pretendam aderir e conhecer um pouco mais sobre as contribuições que a conversação sobre gênero e sexualidade possam trazer para a educação uma fonte para uma melhor relação entre os educandos, pais e comunidade escolar e não escolar, a fim de promover a diversidade, o respeito e o amplo debate sobre temas sociais.

CAPÍTULO 1: GÊNERO E EDUCAÇÃO

O presente capítulo fomenta um panorama histórico da discussão acerca do gênero e a importância da contribuição feminista frente a este debate. Trazendo para nossa área de conhecimento tratamos o conteúdo no que diz respeito a colaboração da educação para debater o tema a ser proposto. O capítulo está subdividido entre a historicidade de gênero e por que é necessário o estudo de gênero na educação. Partindo do pressuposto em conhecer o percurso histórico da argumentação sobre gênero e o motivo de estar integrado na educação. Compreende-se que somos sujeitos de gênero e a educação por estar dentro de uma vasta comunidade social, tende a ser preceptora e detentora de fontes seguras para discussão da temática.

Historicidade sobre gênero

Meyer (2013) faz apontamentos que desde a segunda metade do século XIX, as mulheres começaram suas contribuições em esferas da sociedade. Apesar de iniciarem sua colaboração desde cedo, este serviço era sempre vigiado, controlado e totalmente esquematizado para que a mulher não se sentisse livre ou à vontade para realizar seu próprio ofício. Se inicia então os estudos acerca de colocar as propensões, condições e adversidades enfrentadas pelas mulheres

[...]Tais estudos levantaram informações antes inexistentes, produziram estatísticas específicas sobre as condições de vida de diferentes grupos de mulheres, apontaram falhas ou silêncios nos registros oficiais, denunciaram o sexismo e a opressão vigentes nas relações de trabalho e nas práticas educativas, estudaram como esse sexismo se reproduzia nos materiais e nos livros didáticos e, ainda, levaram para a academia temas então concebidos como temas menores, quais sejam, o cotidiano, a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, etc. (MEYER, 2013, p. 15).

O que muitos não sabem ou esquecem de informar sobre os estudos sobre gênero é que se inicia por meio do movimento feminista. Por volta dos anos 1960 e 1970 do século XX que essa discussão se torna ainda mais evidente. Meyer (2013), consegue descrever todo esse percurso histórico e afirma que no início da década de 1970 surge a palavra *gender*, que traduzindo para o português significa gênero. Apesar da iniciativa em discutir esse assunto o conceito de gênero só

toma uma reviravolta com as feministas pós-estruturalistas que problematizaram as pesquisas sobre corpo, sexualidade e sexo. Aflorando a importância em discutir esse assunto para além do termo biológico.

Segundo Meyer (2013) no Brasil não foi diferente, a discussão se torna acentuada após a eclosão de movimentos de redemocratização da sociedade brasileira, no início dos anos de 1980. Por intermédio do movimento feminista. Observamos que nos dois âmbitos e nos dois períodos a luta é a mesma, se discutia uma sociedade mais justa e igualitária. Com as mulheres indo a frente nessa proposta, os grupos minoritários se sentiam abraçados pela causa. Era uma forma de solicitar uma intervenção para que fosse explicitado e compreendido a subordinação que as mulheres se encontravam e a falta de condições sociais que elas possuíam.

Se dialogarmos sobre gênero sem ter nenhum conhecimento prévio acabamos tendo preconceitos no falar, discutir e até mesmo pesquisar. Para início de conversa é necessário compreender o significado de gênero para além do biológico, começamos a perceber que há diversas e conflitantes maneiras de se constituir a feminilidade e a masculinidade. Ou, seja para proferirmos sobre gênero não podemos negar sua característica biológica, mas devemos colocar em discussão questões como o gênero, a orientação sexual e a identidade de gênero. GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. (1995) (*apud* MORAES, ISABELA; MEDEIROS, LETÍCIA, 2019) fazem explicações remetendo a essa questão do gênero, orientação e identidade, distinguindo da seguinte forma: Gênero se enquadra no fator biológico e é como eu nasci, se refere aos órgãos reprodutores. A orientação sexual se atribui ao desejo, é quando percebemos se a nossa força sexual é relacionada enquanto hétero ou bissexual. Ao dizer sobre a identidade estamos expondo como nós nos reconhecemos. Não iremos entrar a fundo nessas questões, mas é importante e esclarecedor informar como somos constituídos para conseguir um melhor entendimento no trabalho apresentado. Após toda essa explicação é sempre relevante lembrar que somos sujeitos de gênero e isso significa que também podemos levar esse debate para as indagações sociais. Meyer (2013) afirma:

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo (p.18).

A historicidade sobre gênero se faz muito atual. Infelizmente ainda é um tema que causa

alvorço e em muitos momentos é entendido de maneira errônea por uma vasta parte de nossa população. Ao nos depararmos com o início do debate acerca do tema é perceptível que ainda se luta pelos mesmos direitos. É necessário percorrer desde o princípio para que haja uma compreensão do motivo de ser extremamente importante em se colocar em pauta nas esferas da sociedade.

Por que é necessário o estudo de gênero na Educação?

Assim como na conceituação de gênero, a definição de educação possui diversas e conflitantes significâncias. A que está atrelada ao estudo de gênero, se conceitua no significado de educação na percepção de Brandão (2007) em que o próprio afirma que ninguém escapa da educação. Por essa razão, a discussão acerca de gênero está vinculada a educação, não se trata apenas de um simples conceito, mas sim de um trabalho social que envolve não so as escolas, mas todas as áreas educacionais. Brandão (2007) nos proclama que:

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (p.10).

Um dos grandes papéis da educação é fazer esse trabalho que envolve questões sociais para além dos conteúdos pragmáticos. Nesse quesito enquadra-se o estudo de gênero, sexualidade e outros debates sociais trazidos pela comunidade. Ao contrário do que pensam dá para desconstruir pensamentos retrógrados estabelecendo relações com a educação. Abrangendo a necessidade de compreensão de mundo para além da sala de aula.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de

seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 2007, p.10 e 11).

Somos constituídos como sujeitos de gêneros, de vontades e complexidades. Por conta do patriarcado² por muito tempo fomos repreendidos e padronizados para que fossemos aceitos pela sociedade, era criado um sujeito antagônico que só se trabalhava com corpo feminino e masculino e não com a intersexualidade. A partir do momento que conseguimos conflitar sobre esse assunto compreendemos sua função social e que socialmente temos atribuições que são femininas e masculinas, mas que pode acontecer de se misturar. Exemplo sobre essas atribuições são: mulher ser progenitora da família e mesmo assim cuidar dos afazeres domésticos. Se isso pode acontecer quer dizer que o patriarcado não comanda mais nossas ações ou tenta, mas não consegue se adequar a mudança que vem acontecendo durante os séculos, se a mulher é o esteio da casa, mas é considerada o sexo frágil há uma contradição em este dizer.

Desse modo Meyer (2013) afirma:

Quando nos dispomos a discutir a produção de diferenças e de desigualdades de gênero, considerando-se todos estes desdobramentos do conceito, também estamos, ou deveríamos estar, de algum modo, fazendo uma análise de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes, em função tanto de seu gênero quanto em função de articulações de gênero com raça, sexualidade, classe social, religião, aparência física, nacionalidade etc. E isso demanda uma ampliação e complexificação não só das análises que precisamos desenvolver, mas, ainda, uma reavaliação profunda das intervenções sociais e políticas que devemos, ou podemos, fazer (p.21).

A grande questão é que a discussão sobre gênero ainda é considerada como irrelevante e exilada das instituições escolares. Por isso, é tão relevante trazermos essa discussão para dentro da instituição escolar. As conquistas durante as décadas 1960 e 1970 foram muitas, mas retroagimos muito sobre diversas questões e uma que está sendo retirada da escola é a fala sobre gênero e sexualidade. Os professores ficam sem saber como agir, sem material para acessar, e algo que a Meyer (2013) faz uma reflexão e que ela afirma que:

² O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p. 154).

[...] sigo apostando que promover pesquisa nas perspectivas de gênero possibilita não só discutir e repensar nossa inserção social como mulheres e homens e como profissionais da educação, mas pode contribuir, efetivamente, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, não só no que se refere ao gênero, mas em todos os seus níveis e relações (p.27 - 28).

A educação é o ponto de partida para que aconteça debates e para que estimule a quebra de tabus referente a esse tema. É na escola o primeiro contato com o diferente, por isso é tão relevante abrir-se as portas das instituições escolares para esses debates temáticos. Se queremos uma sociedade melhor e mais acolhedora é preciso inicializar os assuntos sociais do nosso povo. A educação puxa para si essa responsabilidade e é preciso preparar os professores, a instituição escolar e o aluno para que não se sintam privados e nem desmerecidos quando propor essa conversa relacionada ao gênero.

CAPÍTULO 2: SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

É impossível pesquisar sobre gênero e não percorrer sobre as abordagens temáticas sobre a sexualidade. Por isso, é comum confundirmos essas duas conceituações, apesar de elas estarem relacionadas em uma linha tênue cada uma possui sua especificidade. Meyer (2008) elucida essa diferenciação:

Enquanto que gênero aponta para as formas pelas quais sociedades e culturas produzem homens e mulheres e organizam/dividem o mundo em torno de noções de masculinidade e feminilidade, a sexualidade tem a ver com as formas pelas quais os diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivem seus desejos e prazeres corporais, em sentido amplo (p.26).

O capítulo exposto promove a discussão a respeito da sexualidade e a atribuição da educação neste novo debate. O conteúdo está subdividido entre: A Historicidade da Sexualidade, porque é necessário falar sobre sexualidade na educação, por qual motivo não é discutido nas instituições escolares e como a sexualidade deve ser trabalhada na escola. Desta forma é realizado um breve percurso histórico, tendo a intencionalidade em trazer a educação para a conversa apresentando motivos pelos quais são de grande significância trabalhar sexualidade na educação.

Históricidade da Sexualidade

A Sexualidade e a educação sexual sempre foram atreladas a debates médicos temas que estavam sempre relacionados a reprodução e a cautela em prevenir doenças. No Brasil o debate aparece apenas na alteração do século XIX para o século XX. Essa exposição é muito bem explicada por: Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu (2018). As autoras trazem a informação de que havia iniciado na Europa um investimento perante a temática, e se fez necessário aderir ao assunto no Brasil. Se tratava apenas de um conhecimento científico que estabeleceria diferenciações entre o corpo feminino e o masculino. Todo trabalho realizado mediante a sexualidade sujeitava as mulheres ao rebaixamento e a cessão de seus corpos, ofertando apenas conhecimentos relacionados a orientação da sexualidade para o casamento, reprodução e a precaução de enfermidades. A sexualidade só teve uma maior relevância neste

século devido ao aumento de casos de HIV. Notório que a sexualidade só era colocada em pauta para atribuições médicas e repressão dos corpos.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1984 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 13).

É importante ressaltar que o debate a respeito da sexualidade teve a contribuição de causas feministas assim como a conversação referente ao gênero. O controle da sexualidade das mulheres faz com que se entre em pauta o levantamento da questão em movimentos políticos e culturais solícitos pela luta feminista. Nessa perspectiva conforme firmado pelas autoras Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu (2018 p. 12) “Acontece que a ciência é feita por pessoas e, portanto, nunca foi e nunca será neutra”. Por este motivo a interlocução feminista se faz tão relevante neste debate.

Contudo sabemos que a sexualidade vai além de toda sua característica biológica e é nesse contexto que discutiremos o assunto da sexualidade para além de todo discurso biológico que foi imposto pela sociedade. Desta forma fica inerente dizer que as questões atribuídas a sexualidade ficassem limitadas as particularidades biológicas, esquecendo todo um contexto cultural do nosso povo. Foucault (2014) (*apud* BASTOS, DENISE; CRUZ, IZAURA; DANTAS, MARILU, 2018, p.15), “ao tratar da história da sexualidade, indica a importância dos discursos sobre a sexualidade, que não apenas falam de sexo e das práticas sexuais, mas instituem o que deve ser considerado normal e o que é desvio, anormalidade ou perversão”.

Todo esse relato sobre a história da sexualidade indica uma necessidade conforme afirmado por Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu, 2018: [...] o reconhecimento da importância da educação sexual em uma perspectiva educacional mais ampla. É indispensável percorrer pelo breve percurso histórico da sexualidade e não repetir erros cometidos no passado. No caso da sexualidade, não a utilizar apenas para diferenciação, cessão e distinção dos corpos.

A exposição histórica da discussão da sexualidade conforme Oliveira (2016) admite que:

Muito se avançou no Brasil na última década em questões de cidadania, gênero, diversidade sexual, direitos civis de minorias, educação e escola, mas ainda é

preciso esforço de pesquisa, acadêmica e científica para se alcançar uma educação para todas e todos (p. 14).

O que se sabe é que por muitos anos, décadas e séculos falar sobre sexualidade era um afronte a sociedade patriarcal na qual estamos inseridos até hoje. É importante identificarmos o quão somos sujeitos de sorte por conseguir expor, discutir e até mesmo pesquisar sobre esse assunto no ano em que vivemos, pois, aprofundar sobre as questões impostas nesse trabalho por muitos anos e até hoje em alguns casos é considerado uma falta de respeito e até mesmo uma forma de desencaminhamento do povo.

Por que é necessário falar sobre Sexualidade na Educação?

É subtendido que a educação é preceptora de diversos assuntos e que é relevante compreender a que ponto ela pode ser crucial para uma melhor constituição daqueles que ali estão. Quando tratamos sobre a educação é compreensível que ela está nos mais diversos espaços sejam eles escolares ou não escolares. Brandão (2007) reitera da seguinte maneira:

De tudo que se discute hoje sobre a educação, algumas das questões entre as mais importantes [...]. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (p. 9).

A educação nessa circunstância é importantíssima para a quebra de tabus sobre temas como a sexualidade, gênero, diversidade, preconceito e outros assuntos que causam espanto em nossa comunidade. Por esse motivo sua relevância ao se tratar de temas sociais. Nesse contexto conforme posto pela Jakimiu (2011) é essencial termos uma educação emancipatória capaz de formar cidadãos críticos, possibilitando-lhes identificar os estereótipos sexuais e questionar os fundamentos e representações engendrados nestas relações de poder.

E é necessariamente na escola que temos nosso primeiro contato com a diversidade sexual, se conduzirmos nossos alunos a forma padronizada que desejam que sejamos excluiremos os diferentes e promovendo o preconceito não só com os homossexuais, mas com todas as classes e com todos que constituem sua orientação sexual de forma diferente da que foi imposta. Trabalhar sobre a sexualidade, impor a educação sexual nas escolas é ir contra a homofobia, é

acolher os diferentes e fazer com que entendam que a orientação sexual escolhida por tal se torna um fator indiferente em nossas vidas, o que é necessário fazer é apenas respeitar e entender que cada um tem a sua forma em se constituir. É ensinar a criança a se proteger de um futuro abuso sexual, explicar, informar, e ao contrário do que dizem não é ensinar a fazer sexo e sim a identificar o que está acontecendo. É necessário tornar esse assunto normal.

Se a escola é um lugar destinado para a construção e produção do saber, ela também é um espaço que potencialmente pode agregar infinitas discussões, capazes de transformar a vida das pessoas com o conhecimento. Muitas vezes assistimos, com perplexidade, a ações protagonizadas justamente por pessoas que frequentam a escola por muitos anos, mas que não contribuem para a melhoria da sociedade. O mundo em que estamos vivendo, a forma como ele se encaminha, seja qualquer aspecto que queiramos considerar, veio da escola, sem dúvida. (BASTOS, DENISE; CRUZ, IZAURA; DANTAS, MARILU, 2018, p. 44-45).

Toda instituição escolar está sujeita a se envolver no processo de emancipação do sujeito e trabalhar para compreensão de sua subjetividade. Nesse ponto é vinculado o debate sobre a sexualidade. Bem afirmado por Oliveira (2016):

Nas sociedades ocidentais contemporâneas e em suas escolas a hierarquização dos sexos, de gêneros, de orientações sexuais, de identidades de gênero e expressões de gênero e sexualidades, além da tentativa de enquadramento dos indivíduos, mesmo de crianças em lugares impostos como “naturalmente” próprios ao sexo feminino e masculino acontece desde muito cedo (p. 9, grifo do autor).

Se cria um pensamento errôneo de que a sexualidade é composta por esse ensino do sexo de uma forma pejorativa e pelo que trazem os estudos a elaboração de conteúdos escolares na educação sobre sexualidade advém de uma forma de conhecimento maior sobre o corpo, o diferente, ao respeito, empatia e elucidação de que há diversas e conflitantes formas de nos constituirmos homens e mulheres. Conforme Louro (2016) “A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política” (p. 11). Essa sexualidade é construída e constituída durante toda a vida, alterando sua forma e construção de sujeito para sujeito. Essa percepção nos elucida que não é possível realizar a padronização dos corpos como muitos desejam, cada qual possui sua forma de viver e vivenciar a sexualidade, está é a razão pela qual se é necessário trazer essa questão para o âmbito da educação. É inimaginável a quantidade de jovens que lutam contra a privação de seus corpos. Os educandos precisam se sentir livres e acolhidos. É papel da escola

abrir as portas para esses indivíduos de uma forma amigável e respeitável. Aqui sim a educação estaria sendo posta como emancipatória.

A sexualidade estará sempre presente em nosso meio, a questão é verificar formas de não a tornar uma anormalidade. É preciso fazer uso da educação para contrariar e rebater insultos trazidos quando se põe em questão a discussão. Louro (2016) se manifesta da seguinte forma:

Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política (p. 27).

O debate sobre gênero e sexualidade adentra as instituições escolares e cabe a escola saber se irá cercear, prender, negar e extinguir o assunto dentro de sua academia. Estamos acostumados com escolas que padronizam corpos e se omitem a situações vivenciadas no dia a dia de seus alunos, é necessário conceder um espaço para discussão de temas que estão no cotidiano de quem ali frequenta. Louro (2016) afirma que: “Frequentemente nos apresentamos (ou nos representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual” (p.13). Desta forma seria impossível conduzir a criação de uma padronização de corpos e de identidades, cada sujeito carrega consigo sua subjetividade.

Por qual motivo não é discutido nas instituições escolares?

Abordar a sexualidade na instituição escolar ainda é visto com maus olhos, por termos uma parte da sociedade que acredita que é necessário seguir os padrões impostos pela coletividade e não se interessa em compreender o que é desenvolver esse tema na escola. Esse é um dos motivos pelo qual o assunto é sempre causador de grandes polêmicas, seja entre os pais, professores e até mesmo entidades governamentais. Felipe (2008) declara que:

Quando falamos em Educação Sexual no âmbito da escola, em geral nos reportamos a experiências muito pontuais e esporádicas, que se pautam basicamente pelo viés de prevenção, abordando doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, ressaltando os processos biológicos que envolvem tais situações. Dessa forma, outras dimensões da sexualidade, como prazer, por exemplo, parecem ficar fora dos debates, embora devamos reconhecer que tal dimensão talvez seja a experiência mais importante e intensa ao longo de nossas

vidas, definindo inclusive nossas futuras parcerias afetivo-amorosas (casamento, filhos) (p.31).

É esperado que as instituições escolares se tornem segregacionistas, trazendo uma educação voltada para educar sujeitos, seus corpos e sua sexualidade incorporada aos padrões insociáveis e enrijecidos. Posturas obtidas como corretas para se estar inserido e aceito na sociedade. Oliveira (2016) nos relata perfeitamente como funciona essa tratativa dentre os âmbitos escolares

[...]. É um campo que avança, que produz, que investiga e que contesta, mas que ainda encontra muitos obstáculos, sobretudo os que foram construídos e naturalizados com base no senso comum. Obstáculos alguns que se configuram como tabu, como pensar na heterossexualidade como a sexualidade natural, correta, padrão e todas as outras sexualidades como desvio, artificiais, erradas (p. 14).

Em especial é sugerido e aguardado que a escola ofereça um protótipo que padronizaria os meninos e as meninas. Oliveira (2016) afirma que:

[...] A escola, portanto, é mista, mas é binária, segregacionista e hierárquica. Dos meninos se espera, se cobra e se ensina um comportamento instutivo, viril, violento e conquistador, desbravador. Das meninas se espera, se ensina e impõem comportamento dócil e agradável, passivo e calmo (p. 11).

Tendo conhecimento sobre todo esse papel que é solícito as escolas realizarem, se torna perceptível de que o não poder trabalhar com a diversidade, sexualidade, gênero e outros assuntos que causam estranheza na educação e no trabalho especialmente com crianças advém de uma sociedade que foi composta, criada e hierarquizada desde os primórdios de sua criação. Fomos acostumados a aceitar o que nos é imposto, os humanos se colocam em lugares que não devem estar, por uma padronização criada e esperada de pessoas que por muitas vezes não seguem esses moldes. A falta de entendimento também é um grande problema perante a essas questões. A ignorância humana faz com que aceitem a manipulação de certos líderes sociais. E, é negado o direito de conhecer o diferente, aceitá-lo e compreendê-lo.

Buscando uma base mais teórica para essa explicação do motivo de ser difícil a discussão sobre a sexualidade temos a orientação das autoras Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu (2018) que listam alguns dos motivos pelos quais é recluso o debate. Entre eles estão: Em primeiro lugar a falta de formação acadêmica sobre esses temas em suas licenciaturas para

aprimorem os conhecimentos que vêm sendo produzidos nesse campo. Em segundo lugar a implicação do sujeito na suas ações pedagógicas, o docente irá querer sempre se expressar a partir do seu ponto de vista, e talvez sua crença possa atrapalhar na hora do desenvolvimento com a diversidade. Em terceiro lugar acredita-se que não trabalhar com esses temas é uma forma de proteção as crianças. É subtendido que é uma preocupação apenas para a disciplina de ciencias fazendo uso desse conhecimento apenas para tratamento de prevenções de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Ao analisarmos essa listagem identificamos que até mesmo no corpo docente pode-se ocorrer de acontecer equívocos no momento em que decidem trabalhar com o diferente. É preciso muita sabedoria para que não seja feito a exclusão de estudante, do próprio corpo docente e demais colaboradores que constituem uma escola.

Nesse sentido, calar-se está longe de uma postura de neutralidade; ao contrário, significa cumplicidade com o preconceito, consequência da ignorância sobre o assunto. Calar-se é também contribuir com as estatísticas de exclusões e de mortes oriundas do processo social da homo-lesbo-transfobia (BASTOS, DENISE; CRUZ, IZAURA; DANTAS, MARILU, 2018, P. 52).

A única resposta para o motivo de não ser um conteúdo colocado em questão na escola é a ignorância dos que ali estão. Obviamente não é uma culpa sobreposta aos professores e sim de um coletivo que é levado pelo patriarcado. Alguns comportamentos de nossas sociedade são difíceis de serem excluídos e este é um deles.

Como a sexualidade deve ser trabalhada na escola?

Para inicio de conversa é necessário que a sexualidade não seja vista como um tabu e que seja compreendido que na escola lidaremos com diversos sujeitos e suas subjetividades. Meyer (2003) afirma que

Nesse sentido, a escola é tanto uma instituição na qual convivem, de forma nem sempre harmoniosa, diferentes grupos e identidades sociais, quanto é uma instância em que se disputam significados que produzem, atualizam e modificam algumas dessas identidades. Por isso a escola é um espaço social complexo e plural na qual interagem fatores internos e externos á instituição. Os fatores externos decorrem exatamente do fato de que nela convivem pessoas que são social (idade, sexo, raça/etnia, classe social, religião, interesses), política e economicamente diferentes e estão relacionados, ainda, com o impacto dos

meios de comunicação nas culturas que a atravessam bem como decorrem do contexto social particular em que cada escola se situa (p. 22).

É fundamental que o corpo docente esteja sempre atento as problemáticas trazidas pelos alunos e que as questões não sejam tratadas apenas pela disciplina de ciências. A sexualidade não pode ser trabalhada apenas para prevenção de doenças. É necessário a compreensão dela como um todo. O papel da escola nesse momento é fazer com que a discussão seja uma forma de inclusão do diferente, retirada dos preconceitos e exclusões aos que adentram a instituição escolar.

[...] mas pode, ainda, em um processo dialógico permanente e cuidadoso, aproveitar as inúmeras situações que surgem no cotidiano escolar para lidar com as questões de gênero e de sexualidade e buscar a problematização da heterossexualidade obrigatória, independentemente da disciplina lecionada (BASTOS, DENISE; CRUZ, IZAURA; DANTAS, MARILU, 2018, p.51).

Não pode ser ignorado que a escola faz parte da nossa sociedade como um todo e que nela estará presente todas as discriminações que estão vigentes em outras partes da nossa sociedade. É necessário que a escola possua uma estrutura para se ter um melhor aproveitamento do corpo docente ensinando a como se trabalhar e discutir sobre o assunto. Nesse contexto se trabalharia na instituição escolar uma forma até de redução da desistência dos alunos que não se enquadram com o padrão heteronormativo imposto pela sociedade. É preciso muito conhecimento dialógico para combater os padrões criados. É preciso que os temas dentro da instituição escolar sejam eles sobre: Gênero, sexualidade, diversidade sexual e outros, se proponha em ser trabalhado de uma forma acolhedora e sem estigmas sociais.

É sempre colocado em questão a escuta e a percepção de temas que os alunos conversam para que usemos a nosso favor. A discussão mediante a sexualidade deve partir dessa proposta e ao invés de só ser falado deve ser posto em prática. Os alunos costumam dar sinais de temas diversos que gostariam de iniciar as discussões, por ainda ser um tabu falar sobre sexualidade é crucial que o professor tenha uma escuta ativa e esteja alinhado com a coordenação de sua instituição para que a discussão seja colocada em prática. O professor deve estar muito atento para sempre manter um distanciamento das suas opiniões e aspectos pessoais. Nestes casos é preciso um conhecimento transversal.

Os professores devem realizar o seu papel social neste sentido, realizando debates acerca dos preconceitos inseridos na sociedade e propondo que seja discutido abertamente com os indivíduos que são intolerantes. Partindo sempre do princípio de ter uma boa argumentação para a desconstrução dos pensamentos equivocados. Deste modo conseguiremos impedir o preconceito e levar ao aluno a uma sensibilização do assunto e compreensão dos prejulgamentos trazidos pela sociedade. Nesta perspectiva o aluno seguirá em um caminho da tolerância e respeito mútuo por todos sujeitos inseridos no corpo social. Reis (2016) alega que:

É importante que este tema esteja na escola desde a Educação Infantil até o ensino superior, passando pela formação essencial dos docentes e até pelos materiais educativos. Falar sobre gênero e sexualidade é parte da construção do respeito à diferença, uma criança que chega em casa e só conhece uma única forma de convívio com o outro, tem na escola a oportunidade de conhecer outros modos, que não necessariamente o preconceito e a violência com o que lhe é diferente (<http://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>).

Alegamos que a sexualidade deve ser trabalhada na escola sim e ela deve ser mediada por meio de: Conferências realizadas por parte da coordenação, agrupando os professores para debaterem o tema, realizações de reuniões entre corpo docente e pais para quebra de estigmas sociais acerca do debate do assunto proposto, inclusão na proposta curricular da instituição escolar, inserção sobre sexualidade no conteúdo didático sejam eles livros, apostilas e outros, criação de trabalhos por semestres que abordem a temática e principalmente um comprometimento social por parte de todo o time acadêmico.

CAPÍTULO 3: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E O PAPEL DO DOCENTE NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.

Pesquisa elaborada com docentes atuantes em instituições escolares

Durante a escrita do trabalho se viu necessário realizar uma pesquisa com docentes atuantes nas instituições escolares afim de verificar se os estudos e escritas realizadas ao longo dos capítulos estavam brevemente corretos. Com isso foi acordado que seria realizado um questionário que traria questões fundamentais para a compreensão e escrita desta monografia. A metodologia escolhida para esta pesquisa foi a de um questionário realizado por meio da plataforma *google forms*. Fachin (2005, p. 158) afirma que o questionário se “consiste num elenco de questões que são apreciadas e submetidas a certo número de pessoas com o intuito de obter respostas para a coleta de informações”. Tais indagações podem ser abertas, permitindo o respondedor colocar as explicações, ou fechadas, com alternativas a serem respondidas, favorecendo subsequentemente a tabulação e as ponderações mediante os dados. Independente dos dados, é válido ressaltar que o questionário foi feito de forma on-line e é preenchido sem que o respondedor tire suas dúvidas, sem que a entrevistadora observe o empenho e a compreensão dos questionamentos realizados.

O questionário foi elaborado em meados de setembro e entregue no final de outubro. Sendo mais clara disponibilizamos o *link* para resposta das questões por meio das minhas redes sociais onde fiz uma chamada pelo *Instagram* e *WhatsApp*. As colegas da turma também me ajudaram na divulgação do *link*. Nisso consegui encontrar meu público-alvo para realização da pesquisa. Foi realizado em média dois convites para resposta do questionamento. O questionário conta com doze questões sendo mais precisa nove questões fechadas aos respondentes e três questões abertas para uma melhor dissertação do assunto. Ao total tivemos cerca de vinte e nove respostas com praticamente cem por cento de aproveitamento do assunto.

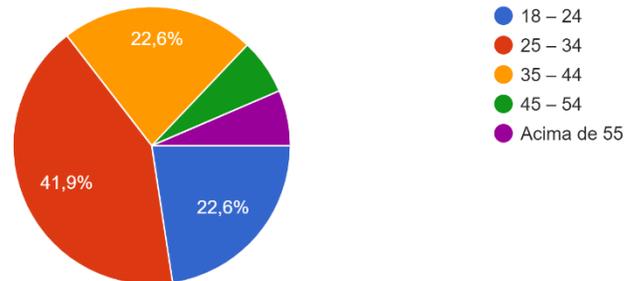
Para uma melhor análise e para conhecermos o grupo-alvo que são os docentes atuantes colocaremos as percepções e respostas do perfil obtidas por meio deste questionário:

É perceptível que a maior parte dos respondentes possuem uma faixa etária entre 25 a 34 anos. Analisando outras pesquisas encontrei a pesquisa de Gatti (2010) que nos traz a seguinte afirmação perante a idade dos professores:

Quanto à idade, encontrou-se menos da metade do conjunto dos licenciandos na faixa etária ideal, de 18 a 24 anos (46%), dado não esperado; entre 25 a 29 anos situam-se pouco mais de 20% deles e proporção semelhante está na faixa dos 30 a 39 anos. É possível, porém, fazer uma distinção entre os estudantes de Pedagogia e os alunos das demais licenciaturas: os primeiros tendem a ser mais velhos. Enquanto apenas 35% dos alunos de Pedagogia estão na faixa ideal de idade para o curso, essa proporção aumenta para os estudantes das demais licenciaturas, sendo que entre os alunos de Letras e da área de Humanas a proporção na faixa ideal está em torno de 45% e, para os da área de Ciências e Matemática, fica entre 51% e 65%. Os alunos de Pedagogia são também mais numerosos nas faixas etárias dos mais velhos, no intervalo de 30 a 39 anos, ou acima de 40 anos (p. 62).

Quantos anos você tem? - Marque a alternativa que mais se aproxime.

31 respostas

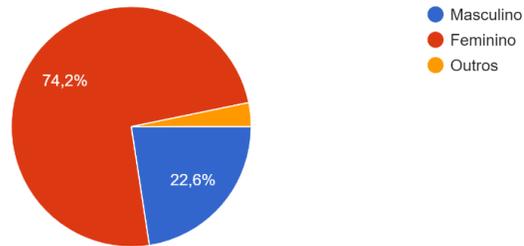


Referente a identidade de gênero pelos estudos trazidos ao longo deste trabalho essa resposta não seria diferente. A Meyer (2013) em seu livro já havia informado que é visto que se traz uma “configuração da maternidade e do cuidado de crianças como destino natural da mulher”. Essa concepção obviamente é trazida baseada em professoras da educação infantil e ensino fundamental que na maior parte das vezes conforme afirmado pelo gráfico são mulheres. Aposto que se tivéssemos colocado uma outra questão perguntando a área de atuação dos que marcaram como homem, teríamos uma maior confirmação dessa significação trazida pela Meyer.

Quanto ao sexo, como já sabido, há uma feminização da docência: 75,4% dos licenciandos são mulheres, e este não é fenômeno recente. Desde a criação das primeiras Escolas Normais, no final do século XIX, as mulheres começaram a ser recrutadas para o magistério das primeiras letras. A própria escolarização de nível médio da mulher se deu pela expansão dos cursos de formação para o magistério, permeados pela representação do ofício docente como prorrogação (GATTI; BARRETO, op. cit, p. 62).

Qual é sua identidade de gênero?

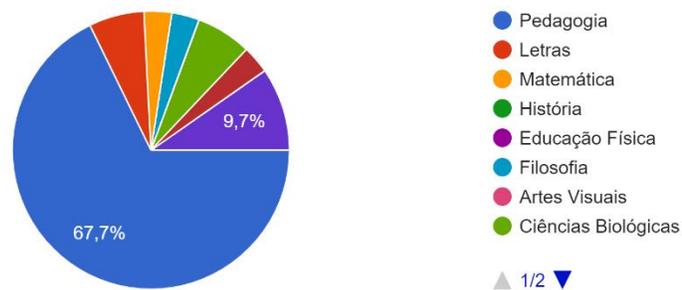
31 respostas



O questionário foi encaminhado para todos que possuem licenciatura, mas por questões óbvias a maior parte foi respondido por pedagogas, pois fazem parte do ciclo em que frequento.

Qual sua formação?

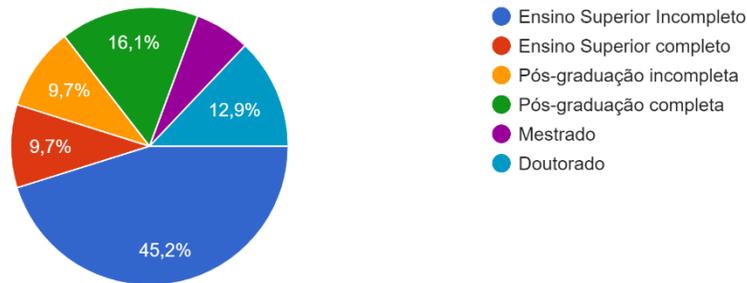
31 respostas



Pela pesquisa estar sendo realizada por uma acadêmica em formação a maior parte dos respondentes foram de indivíduos com o ensino superior incompleto, mas é perceptível um crescimento profissional dos professores. Carvalho (2018) nos traz que este processo está acontecendo pois:

Têm sido cada vez maiores as pressões para uma mudança no perfil de formação do docente, o que pode ser percebido tanto pelas exigências legais estabelecidas quanto por propostas de redesenho da carreira docente, ao associarem remuneração com melhor formação (p.41).

Qual seu nível de escolaridade?
31 respostas



Antes de iniciarmos qualquer debate e apresentarmos qualquer pesquisa é importante conhecermos os sujeitos que responderam o questionário. Perante isto podemos aprofundar mais no assunto que desejamos e ter uma melhor percepção das respostas.

Desafios da ação docente na discussão de gênero e sexualidade

Como já dito anteriormente passamos os questionamentos em perguntas abertas para os professores e é interessante encaixar uma das questões nessa discussão que estamos trazendo para entendermos melhor quando os professores afirmam que não se sentem capacitados ou quando falam das diversas dificuldades enfrentadas caso queiram abordar o assunto. A questão posta para os docentes é a seguinte: **De acordo com seu conhecimento defina em poucas palavras o que significa gênero e sexualidade.** Foi obtido um total de vinte e nove respostas na qual trazemos a resposta de três professores que se enquadraram como A, B e C. Em resumo, todos os docentes compreendem o gênero como uma construção social, mas a sexualidade para eles está sempre atrelada ao sexo e a definição da orientação sexual dos sujeitos. Nos baseamos teoricamente em Meyer (2008) para confirmar ou para retificar as respostas obtidas:

Enquanto que gênero aponta para as formas pelas quais sociedades e culturas produzem homens e mulheres e organizam/dividem o mundo em torno de noções de masculinidade e feminilidade, a sexualidade tem a ver com as formas pelas quais os diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivem seus desejos e prazeres corporais, em sentido amplo (p.26).

Professor A: A sexualidade é a orientação sexual de uma pessoa e gênero é a construção social atribuída ao sexo.

Professor B: Acredito que gênero seja a identificação de cada ser dentro grupos com características específicas, mas similares dentro daqueles grupos, por exemplo, seres humanos com características femininas podem se identificar com o gênero feminino. Já sexualidade, entendo como sendo o conjunto de comportamentos que cada ser pode apresentar relacionado à satisfação de seus desejos ou necessidades sexuais.

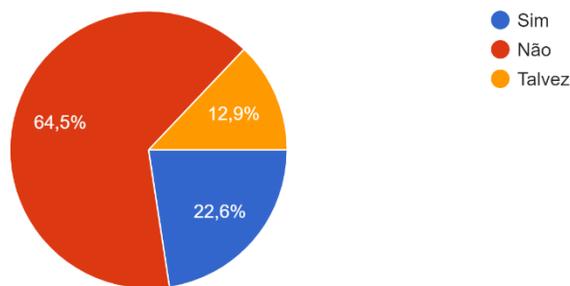
Professor C: Gênero está mais relacionado com características socialmente atribuídas pela sociedade a cada pessoa. Sexualidade tem mais haver com o gênero pelo qual nos sentimos atraídos sexualmente falando.

Durante os estudos e pesquisas identificamos que umas das pejorativas mediante ao trabalho sobre gênero e sexualidade são a falta de formação continuada para que os professores adentrem a temática com respaldos e confiantes no que estão afirmando enquanto trabalham com o tema. As escolas não possuem um ponto de combate aos estereótipos causados por esse conteúdo e os professores por não possuírem essa confiança em tratar sobre acabam deixando para um outro momento e esse objeto de estudo acaba sendo deixado de lado.

Cabe, ainda, lembrar que grande parte das escolas (e dos sistemas de ensino) não possui projetos continuados sobre o tema, pois o corpo docente não se sente devidamente preparado para lidar com situações ou debates que envolvam a sexualidade e as relações de gênero, uma vez que esses conceitos são indissociáveis (FELIPE, 2008, p.31).

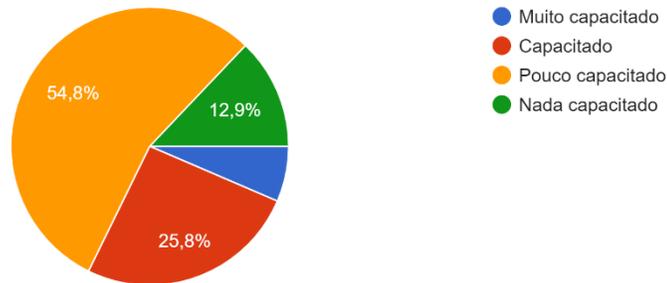
Em sua formação profissional, em algum momento você foi orientado sobre como lidar com questões de gênero e sexualidade na educação?

31 respostas



Se sente capacitado para a discussão acerca das questões expostas acima?

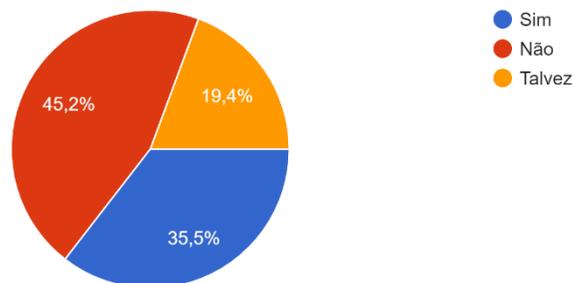
31 respostas



A análise do gráfico abaixo nos traz a seguinte reflexão, se os professores não se sentem capacitados, se não tiveram estudos acerca do tema será mesmo que eles identificariam o que está acontecendo dentro de sua sala de aula. Talvez essa seria a resposta para que o não tenha liderado nessa pergunta fechada.

Como docente, você já lidou diretamente em sala de aula sobre gênero e sexualidade?

31 respostas



Outra questão aberta que trouxemos e nos ajudam a verificar os desafios em se trabalhar com gênero e sexualidade na instituição escolar é a seguinte questão: **“O que você enfrentaria caso colocasse em pauta essa discussão em sua instituição escolar?”**. Obtivemos um total de vinte e nove respostas e colocaremos a resposta dos professores como A, B e C. Resumindo as resoluções obtidas todos os professores colocaram em questões as seguintes adversidades: Preconceito, diversidade de opiniões, conflito entre a instituição e os pais, falta de formação ideal, repressão e etc. Para afirmativa do que foi explicado acima, segue respostas dos professores:

Professor A: Acredito que encontraria grande dificuldade para fazer as relações necessárias na temática. Observando que temos uma comunidade escolar bem diversificada, essa discussão requer uma preparação e formação ideal.

Professor B: Preconceito e ignorância por parte dos pais e principalmente aqueles pais envolvidos em religiões protestantes onde não compreendem a importância e o significado de educação sexual na escola, confundem sexualidade com relação sexual e acabam por acreditar e seguir o senso comum acreditando em bizarrices como kit gay influenciando de forma negativa no ensino aprendizagem dos jovens.

Professor C: Em se tratando de uma instituição confessional acredito que para eles, estas questões não entram em pauta em sala de aula. Ainda mais que só trabalhamos com a educação infantil e a primeira fase do fundamental. Estas questões são mais abordadas da segunda fase do fundamental em diante e se eu aparecer com esta questão, irei enfrentar uma grande barreira pela frente.

Nos baseamos teóricamente em Meyer e Cols (2006) (*apud* Meyer 2008, p.20) para afirmamos a necessidade de explorar esse conteúdo na instituição escolar e como uma forma de rebater os desafios colocados nas questões:

[...] educação envolve o conjunto dos processos pelos quais aprendemos a nos tornar e nos reconhecer como sujeitos de uma cultura, é preciso que estejamos expostos, de forma continuada, a um conjunto amplo de forças, de processos de aprendizagem e de instituições nem sempre convergentes e harmoniosas do ponto de vista de suas prioridades e objetivos políticos; esse conjunto inclui, hoje, uma infinidade de “lugares pedagógicos” além da família, da igreja e da escola e engloba uma ampla e variada gama de processos educativos, incluindo aqueles que são chamados, em outras teorizações, de ‘socialização’.

A escola que se priva em levar temas sobre a realidade de seus alunos está diretamente praticando uma violência. É importante reconhecer esse tipo de violência e que a discussão acerca dessa situação não é um dever, mas sim uma proposta que precisa ser estudada e ampliada na instituição para que os alunos não sejam vítimas de opressões dentro de um espaço que deve ser de libertação e conhecimento. Por isso, Louro (2016) ressalta que:

Não pretendo atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm “efeitos de verdade”, constituem parte significativa das histórias pessoais (p.21).

O motivo de falarmos sobre esse assunto na escola é porque precisamos escolher o tipo de professores e o tipo de instituição escolar que queremos trabalhar e desejamos ter na sociedade.

Ao mesmo tempo que a escola possa ser um espaço de conhecimento e de desconstrução, ela pode também praticar o disciplinamento dos corpos. Se decidem ignorar as diversas formas de nos constituirmos homens e mulheres e pregarem o que o patriarcado deseja, logo mais, trabalharemos para impormos a forma com que os alunos devem ser, esquecendo sua subjetividade, tornando todos sujeitos iguais, e é exatamente isso que não existe, não é possível criar corpos educados.

Qual a contribuição da escola no questionamento de questões de gênero e sexualidade na perspectiva dos docentes?

A escola entra como uma contrapartida para a amplificação dos debates e compreensão dos sujeitos que ali estão. É preciso conhecer os discentes e compreender que o tão sonhado corpo educado que tanto se deseja não existem, é impossível domar quem quer que seja dizendo que é certo ou errado quando a pessoa tem um pensamento próprio e que está inserida numa sociedade que altera sua cultura e mediante a isto transforma a identidade dos sujeitos que estão inseridos na comunidade. Esses corpos e essa identidade são de caráter político, mas isso ainda não é entendido tanto pela escola quanto por seus professores.

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas (LOURO, 2016, p.21).

É inviável falar sobre gênero e sexualidade na escola e não pôr em debate questões mediante o corpo e a identidade. O que é pretendido expor é que não é negado o caráter biológico do corpo, mas o seu sentido é exposto para além de suas características biológicas e neste contexto que enquadrámos o estudo sobre corporeidade. Goellner (2013) proclama que “Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno”.

Falar do corpo é falar, também, de nossa identidade dada a centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser observados, por exemplo, no crescente mercado de produtos e serviços relacionados ao

corpo, a sua construção, aos seus cuidados, a sua libertação e, também ao seu controle (GOELLNER, 2013, p.31).

E ao evidenciar o assunto sobre gênero, sexualidade, corpo e identidade na escola, estamos levando essa discussão direto para a sala de aula e é nesse momento que o professor (a) é aclamado e posto para explicações, levantamento de pesquisas e retirada de dúvidas, pois é ele que trata diretamente com o aluno. Obviamente que é necessário um maior apoio de todos os profissionais que ali trabalham, é essencial que o Projeto político pedagógico da escola esteja alinhado com esse trabalho que o professor venha a fazer. Mas, a realidade que encontramos é muito diferente da que expomos aqui, o que encontramos são professores que não possuem subsídios para dialogar sobre o assunto.

Algo que é aprendido é que um professor (a) é possuidor de um papel social muito grande e que é necessário que ele tenha orientação para conferenciar com seus alunos assuntos tão pertinentes. É inadmissível ser um educador isento e preconceituoso com situações corriqueiras. Segundo Esplendor (2009) (*apud* LEAL, NATHALIA COSTA; ZOCCAL, SIRLEI IVO LEITO; SABA, MARLY, BARROS, CLAUDIA RENATA DOS SANTOS, 2017, p.100), é importante o olhar social e crítico desses profissionais no que diz respeito às questões de gênero.

A intervenção feita pela professora e/ou professor deve ser para representar um guia com o intuito de que suas crianças pratiquem e implantem desde cedo o respeito a diversidade sexual, a individualidade, ao gênero e questões que os tornam diferentes. Deste modo as crianças sentiriam liberdade em questionar e vivenciar as curiosidades que estão expostas na sociedade. Só assim os professores estariam prontos para lidar com situações e atitudes discriminatórias dentro da sala de aula.

De acordo com Jakimiu (2011) “o estudo das questões de gênero, - como uma categoria analítica – possibilita compreender as formas de desigualdade e exclusão social e educacional, que não apenas repercutem na escola, mas nela são reproduzidas”. E, o papel do pedagogo está exatamente aqui, é ele que é estudante da educação em geral, é ele que deve ter um amplo repertório para discussão acerca do assunto, é ele que deveria se dispor de todos os preconceitos existentes para um melhor acolhimento de suas crianças.

Por mais que é imposto que não é necessário dialogar com crianças sobre o assunto e que não é papel do professor mediar essa discussão o VINHOLES (2012) assegura que

Os alunos, por menores que sejam já trazem uma bagagem de cultura, de conceitos, valores e opiniões, portanto, é válido que haja uma preocupação, uma percepção, o entendimento, e um trabalho diferenciado diante de cada aluno, quando diz respeito a assuntos que estão tão vigentes diariamente. (VINHOLES (2012) (*apud* LEAL, NATHALIA COSTA; ZOCCAL, SIRLEI IVO LEITO; SABA, MARLY, BARROS, CLAUDIA RENATA DOS SANTOS, 2017, p.101).

Apesar de subtendermos que é uma temática que deve estar presente na escola e que os professores devem fazer parte do tema, falta muito para se percorrer, a uma controvérsia evidente a respeito da discussão sobre gênero e sexualidade. A falta de políticas públicas, a isenção da escola e de seus professores, dos entes governamentais é explícito. Seria necessário revigorar o currículo, implementar novas políticas públicas e leis para a educação que garantissem o direito a debate e ensinamentos sobre gênero, sexualidade e educação. E, que dessem um maior apoio aos docentes para encararem um tema tão rotineiro. Só assim a ideia errônea de educação sexual seria retirada da cabeça da comunidade e o diferente se sentiria igual ao menos em um espaço da sociedade.

Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação

É fato que a educação não é tão valorizada e colocada em pauta em nossa sociedade, tiramos isso por meio dos nossos estudos acerca dessa temática e por conclusões vivenciadas no dia a dia. É importante trazermos a contribuição de professores que são atuantes na área e que podem nos evidenciar se essas questões (gênero e sexualidade) são pautadas ou não nas instituições escolares. Uma outra pergunta aberta que trazemos é a seguinte: **Qual a sua opinião sobre a inclusão nas atividades escolares de discussões sobre a questão da sexualidade e do gênero.** Foi alcançado um número significativo de respostas contamos com vinte e nove colaboradores e todos eles afirmam que é de extrema importância, imprescindível e relevante a temática, problematizam dizendo que é necessário ser colocado no currículo da instituição e complexificam afirmando que não acreditam que atividades escolares são o ponto de partida para debate do assunto, pois é uma narrativa cotidiana na escola. Dentre as respostas trazemos as seguintes contribuições dos educadores:

Professor A: Extremamente importante. Quanto mais se dialoga, se faz a importância do tema para a eliminação das desigualdades de gênero, por exemplo. A escola é um dos principais lugares que DEVE ensinar questões de

gênero e sexualidade, para que todos tenham, realmente, o direito de viver livre, sem discriminação e/ou violência, independente da sua sexualidade.

Professor B: Acho relevante porque a criança não nasce odiando, não nasce preconceituosa e podemos evitar que isso aconteça discutindo esses assuntos na escola. E sempre ressaltar que ninguém ESCOLHE ser homossexual ou transexual, que isso é algo natural e que deve ser respeitado por todos.

Professor C: Extremamente importante, visto que a diversidade global está cada vez mais evidente nas sociedades atuais. A felicidade de cada indivíduo deve sempre estar acima de qualquer preconceito e falta de respeito. Conscientização, compreensão e instrução acerca do assunto gerariam seres humanos menos egocêntricos, menos homofóbicos, menos intolerantes uns com os outros, seja por questões de gênero e sexualidade ou por quaisquer outros fatores "causadores" de pré-conceitos.

Para assegurar a relevância dessas questões trazemos Oliveira (2016) que contextualiza da seguinte forma:

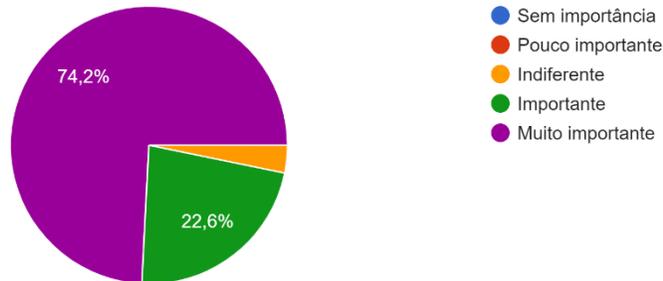
É nesse contexto, o de uma sociedade democrática fundada em leis claras e que garantem a integridade da pessoa humana, a proteção de crianças e jovens, o acesso e permanência à escola e educação públicas e de qualidade, a diversidade, o acesso aos patrimônios culturais, científicos e históricos [...] (p. 5)

Outro questionamento exibido em nosso questionário são as questões expostas abaixo. Se os professores acreditam que é uma temática importante para ser trabalhada na escola, mas não possuem uma formação acadêmica para além e que os auxiliem nos debates, não seria hora dos entes governamentais tomarem uma posição acerca do debate. Lembrando que a própria Constituição Federal do Brasil de 1988 em seu ART. 205 ³ assegura que a educação é um direito de todos.

³ Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

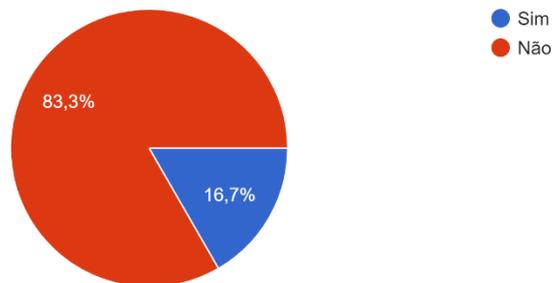
Você considera a temática sobre Educação, Gênero e Sexualidade importantes para serem discutidas na escola e/ou sala de aula?

31 respostas



Além da sua formação acadêmica, já fez algum curso de capacitação voltado a questões de gênero, sexualidade e educação?

30 respostas



Para uma melhor teorização e debate do assunto é imprescindível que aconteça uma reorganização do currículo e faça com que as políticas públicas entrem em ação na educação e nessa temática que trouxe ao longo dos capítulos. Ribeiro (1992) (*apud* BASTOS, DENISE; CRUZ, IZAURA; DANTAS, MARILU, 2018, p.15) traz que o currículo teoricamente:

Contém o enunciado das finalidades e objetivos visados; propõe ou indica uma seleção e organização dos conteúdos de ensino; implica ou sugere modelos, métodos e atividades de ensino-aprendizagem, em virtude dos objetivos que persegue e da organização de conteúdos que postula. Além disso, inclui um plano de avaliação dos resultados da aprendizagem. Porém, o currículo não é só um conjunto de estratégias bem elaboradas e organizadas, pois se pensarmos em termos mais amplos a “sociedade” tem e constrói expectativas sobre os seus membros, estabelecendo práticas e discursos para classificá-los e aproximá-los dentro de um determinado padrão de comportamento. A escola é uma das vias de construção e manutenção desse projeto (p.27).

Consideramos de grande relevância a discussão acerca da temática levada a uma teorização do currículo para ampliação das políticas públicas em nosso país. Só assim garantiríamos que a educação tivesse fosse um real direito de todos.

[...] educação tem que estar a serviço de todos e todas para garantir a possibilidade de se construir uma sociedade melhor, em que a base filosófica curricular seja pautada na diferença e a igualdade seja a base para a conquista de direitos e exercício dos princípios fundamentais para a cidadania, para a dignidade humana previstas na Constituição Brasileira, para a construção de uma escola/sociedade/ escola menos preconceituosa, menos violenta, menos homofóbica, lesbofóbica e transfóbica. Ou seja, muito mais justa [...] (Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu, 2018, p. 40)

No fim das contas consideramos ser possível que tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária, mas para que essa mudança aconteça é preciso que tenha uma contribuição social de todos os entes governamentais e da sociedade em si. Para que mudanças aconteçam é preciso um total apoio de todos, principalmente quando se trata de um tabu que tentam desconstruir durante tantas décadas. A desconstrução é um caminho árduo e complexo, mas é preciso para uma melhor relocação da nossa comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, apresentam-se as considerações finais no que se diz respeito ao estudo da educação contextualizando o ensinamento de gênero e sexualidade nas instituições escolares. A expectativa de compressão em relação ao assunto abordado é que percebam as diversas e conflitantes formas em que nos constituímos como homens e mulheres. O desejo ao término deste trabalho monográfico foi o de amplificar a dialogicidade referente a temáticas sociais em que estamos inseridos em nossa sociedade. É pretendido contribuir os estudos que tentam esclarecer a contribuição da escola e o papel do professor acerca da discussão sobre gênero e sexualidade.

Entretanto, o presente estudo continua a caminhar em circunstâncias não favoráveis ao debate do tema referido, pois de muito pouco se sabe, e de muito se insinua. O preconceito ainda está vigente quando tentamos tratar de temas sociais da nossa comunidade. No contexto educacional, frequentemente se encontram barreiras sejam pelo corpo docente, família, entes governamentais e até mesmo pelo próprio docente. Nesta perspectiva é necessário uma redescoberta de crenças de valores dos próprios educadores. Por isso, que esse trabalho busca oferecer objetivos, ainda que de forma sintética que contribuem para uma melhor ampliação do repertório e aprendizado sobre gênero, sexualidade e o dever da educação nessa concepção. Dando um mínimo de suporte que seja para que o tema seja trabalhado nas instituições escolares.

Nesta lógica de estudos iniciou-se uma reflexão sobre a colaboração da escola e o papel do professor em saber diferenciar a concepção sobre gênero, sexualidade e educação, estando ligada diretamente a conceituação, explicação e diferenciação dos termos que tratam sobre essa temática. Conforme Meyer (2013) reconhece

[...] que gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que coloquem em xeque tanto algumas das formas de organização social vigentes quanto as hierarquias e desigualdades delas decorrentes (p. 12-13).

Sabe-se que o esclarecimento acerca dos estudos de sexualidade estão além do que se é pretendido. Além do conceito biológico o estudo sobre sexualidade está bem mais aprofundado. A educação sexual ainda é vista com maus olhos por falta de entendimento do assunto. Já afirmava Bastos, Denise; Cruz, Izaura; Dantas, Marilu (2018) “[...] como se as questões da sexualidade estivessem restritas apenas a aspectos anatômicos e fisiológicos. Assim, aspectos

relativos à cultura e ao próprio ordenamento da sociedade são deixados de lado (p 15). Estas conceituações trazem a diferenciação e explicita a necessitada de temas transversais no currículo escolar.

Torna-se necessário que obtenha planejamentos redirecionados diretamente aos professores, pois eles possuem um maior contato com os alunos que ali estão inseridos. Neste contexto buscariam sempre uma flexibilização de conteúdo, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais amplo. Desta forma disponibilizariam um maior suporte para que temas como este estejam postos em debate na instituição escolar. O educador deve repensar sua prática constantemente no ensino do tema exposto e solicitar suporte pedagógico pela escola.

Apesar de ser um tema bastante polêmico, durante a escrita desta monografia concluímos que não se pode ser neutro em situações atuais da sociedade sejam elas referente a essa temática ou sobre qualquer outro cenário de debates sociais. O educador não pode ser imparcial. Não pode privar debates que fazem alusão ao contexto social e atual em que vivemos. Para ser professor um dos primeiros quesitos deveria ser aprender a pensar e debater sobre temas coletivos.

A pesquisa realizada neste trabalho nos mostrou o interesse dos professores atuantes em poder compartilhar e estudar mais sobre o tema. Percebe-se o interesse em possuir um maior repertório para enfrentar os ignorantes que não compreendem a temática. Observamos que apesar de muitos alcances para debater do tema, ainda é uma temática tão pouco discutida e sem continuidade nos debates. O trabalho apresentado acima nos influencia a tentarmos ser professores melhores que compreendem o aluno e a sociedade em que ele está inserido. Por fim, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos em formação este trabalho foi desenvolvido, afim de tentar desconstruir pensamentos antagônicos. Educar é assumir este compromisso, mais do que isso é nos importamos com as adversidades postas em jogo pela sociedade é alcançarmos o máximo de estudantes possível.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Denise; CRUZ, Izaura; DANTAS, Marilu. **Gênero, Sexualidade e Educação: Gênero e sexualidade na escola**. Salvador: Universidade federal da bahia, 2018. 64 p. *E-book*.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. 41. Ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/joaoa/Desktop/Downloads/Perfil%20do%20Professor%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joaoa/Desktop/Downloads/Perfil%20do%20Professor%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20(1).pdf). Acesso em: 29 nov. 2021.

CASTRO, Ana Beatriz Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos; SANTOS, Jássira Simões dos. **GÊNERO, PATRIARCADO, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E A FORÇA DE TRABALHO FEMININA NA SOCIABILIDADE CAPITALISTA. VI SEMINÁRIO CETROS**, [S. l.], p. 1-14, 23 ago. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/joaoa/Desktop/Downloads/425-51197-29062018-084053%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joaoa/Desktop/Downloads/425-51197-29062018-084053%20(1).pdf). Acesso em: 20 nov. 2021.

FELIPE, Jane. Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente. In: **Educação para a igualdade de gênero**. TV Escola. Salto para o Futuro. Secretária de Educação a distância. Ministério da Educação. Proposta pedagógica. Ano XVII – Boletim, 26 nov. 2008

GATTI, BERNARDETE A. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS E PROBLEMAS**, [s. l.], v. 31, ed. 113, p. 1355-1379, out e dez 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/joaoa/Desktop/Downloads/download.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **A produção cultural do corpo**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2013.

JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 2011, CURITIBA. **A construção dos papéis de gênero no ambiente escolar e suas implicações na constituição das identidades masculinas e femininas: Uma dinâmica de relação de poder** [...]. CURITIBA: [s. n.], 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5289_2773.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

LEAL, Nathalia Costa; ZOCCAL, Sirlei Ivo Leito; SABA, Marly; BARROS, Claudia Renata dos Santos. A questão do gênero no contexto escolar. **A produção do saber**, [S. l.], p. 95-104, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/758/639>. Acesso em: 17 jun. 2021.

LOURO, Guacira Lopes Louro (org.). **Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2016.

MEDEIROS, Letícia; MORAES, ISABELA. **Gênero: você entende o que significa?**. [S. l.], 20 maio 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MEYER, Dagmar Estermann (org.). **Gênero e educação: teoria e política**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero, sexualidade e currículo. In: **Educação para a igualdade de gênero**. TV Escola. Salto para o Futuro. Secretária de Educação a distância. Ministério da Educação. Proposta pedagógica. Ano XVII – Boletim, 26 nov. 2008.

OLIVEIRA, Wendel Moreira de; ACIOLY, Shirley. **Relações de gênero, diversidade e escola: Uma análise dos discursos de professoras e professores de uma escola de ensino fundamental da cidade de são paulo**. 2016. 22 p. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação) - Universidade Federal do Paraná, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52043/R%20-%20E%20-%20WENDEL%20MOREIRA%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jun. 2021.

PEREZ, Ana Paula Lopes Bogas. **As relações de gênero do ambiente escolar**. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/lenpes/pages/arquivos/VI-SS-Sociologia/trabalhos/textos/TEXT0%2009%20-%20ANA%20PAULA%20BOGAS%20PEREZ.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

REIS, Juliana Fernandes Silva dos. **A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar**. [S. l.], 28 abr. 2016. Disponível em: <http://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SALES, Ricardo. **MAIS DIVERSIDADE: Você não precisa ser gay para lutar contra a homofobia**. São Paulo: Aberje, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/?blog=voce-nao-precisa-ser-gay-para-lutar-contr-homofobia>. Acesso em: 18 jun. 2021.